

NATÁLIA CORREIA SOB A HERMENÊUTICA SOCIOLÓGICA:
REFLEXÕES SOBRE O CONTRIBUTO SÓCIO-CULTURAL
DE UMA INTELLECTUAL IRREVERENTE

PILAR DAMIÃO DE MEDEIROS

Medeiros, P. D., Natália Correia sob a hermenêutica sociológica: reflexões sobre o contributo sócio-cultural de uma intelectual irreverente. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 21: 73-86.

Sumário: Este artigo apresenta uma análise alternativa ao estudo do pensamento de Natália Correia. Ao recorrer a uma análise sociológica, pretende descortinar o contributo social, cultural e político de uma intelectual que subtilmente se desdobra em múltiplos papéis estéticos – através da projecção de vários *selves* manifestos na sua poesia, peças de teatro e prosa – como também éticos. Comprometida a romper com pré-conceitos, com valores míopes que asfixiam a liberdade humana e com a ascensão de uma cultura de massas uniforme e acrítica, NC apela à criação de uma esfera pública autêntica, característica de uma democracia pluralista. Neste sentido, NC direcciona a sua crítica para a humanização da sociedade.

Medeiros, P. D., A sociological-hermeneutical approach to Natalia Correia's works: Reflexions on the socio-cultural contribution of an irreverent intellectual. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 21: 73-86.

Summary: This article presents an alternative analysis to the study of Natalia Correia's thought. The use of a sociological analysis intends to unveil the social, cultural and political contributions of an intellectual who subtly unfolds a variety of aesthetic roles – throughout the projection of multiple *selves* which are present in her poetry, theatre plays and prose – as well as ethical. Committed in breaking up with prejudices and shortsighted values that paralyse human freedom, and with the emergence of a uniform and uncritical mass culture, Natalia Correia calls for a genuine public sphere representative of a pluralistic democracy. Accordingly, Natalia Correia's critique aims the construction of a humanized society.

Pilar Damião de Medeiros – Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores. Núcleo de Investigação em Ciência Política e Relações Internacionais (NICPRI/FCT).

Palavras-chave: Natália Correia, hermenêutica sociológica, intelectual, esfera pública.

Key-words: Natália Correia, sociological hermeneutics, intellectual, public sphere.

Neste trabalho pretende-se analisar o contributo sócio-cultural de Natália Correia (NC) tanto na esfera pública, como na arena política. A hermêutica sociológica torna-se, deste modo, um instrumento imprescindível para compreender a multidimensionalidade da crítica de uma Intelectual da modernidade tardia que simultaneamente se desdobra em poeta, romancista, jornalista, política, entre muitos outros papéis éticos e estéticos.

Através das suas obras, reflexões, ensaios e poemas NC expõe, com subtilidade, porém com alguma obscuridade, a sua *innere Pluralitaet*¹ (Novalis), isto é, projecta-nos um *Self*² estético, autónomo e versátil, muitas vezes descomprometido com qualquer constrangimento ético-moral. Talvez como forma de renunciar aos imperativos sistémicos e deterministas de uma sociedade (também ela patriarcal) e agora desvirtuada de qualquer sentido de humanidade, NC

procura estratégias de “jogar” livremente com os seus vários *selves*³ de forma a “ser qualquer outra coisa em que seja ela mesma”⁴. Neste sentido, NC consegue resguardar – através de um processo de distanciamento do eu face às expectativas dos outros (GOFFMAN, 2002) – as especificidades do seu próprio eu. Deste modo, parece-nos que o trajecto de vida que NC abraça não se restringe a um *Da-sein* linear e teleológico, mas sim nutre-se por uma constante dialéctica entre a realidade, o sonho e um sentimento de *Sehnsucht* por uma ilha, por uma Mátia embora longínqua fisicamente, vivida interiormente.

Natália Correia, amada por uns e criticada por outros, era, sem dúvida alguma um génio raro. A mulher da “ilha de píncaros verdes e caminhos de hortênsias” ([1978] 2003: 192), de temperamento irreverente e até excêntrico, manteve, desde muito nova – e como consequência de uma infância e juventude marcadas primordialmente por um pai ausente e por

¹ Compare Novalis *Genielehre*: “[e]ine ächt *synthetische* Person ist eine Person, die mehrere Personen zugleich ist – ein Genius. [...]” (*Schriften*, vol. III, S.250, Fr.63): “Uma verdadeira pessoa sintética, é aquela que é mais pessoas ao mesmo tempo. Um génio.” [Tradução da autora].

² Ver o conceito *Self* (e os seus constituintes *I e Me*) de G. Mead, *Sozialpsychologie*, 1969: 294; 297.

³ Ver a abordagem dramaturgica do sociólogo E. Goffman em *A representação do eu na vida quotidiana* (ed. 2002).

⁴ Compare a referência de NC à sua própria biografia aquando do diálogo de Branca com a Mãe em *A Madona*: “[...] Serás bailarina ou qualquer outra coisa em que sejas tu mesma – e suspirava. – Para que não te aconteça... Felizmente o teu pai deixou-nos bastante dinheiro. As mulheres precisam de dinheiro para serem pessoas, mais que simples mulheres. Acima de tudo estimo que sejas uma pessoa” ([1968] 2000: 13-14).

uma mãe professora e escritora semi-emancipada – uma forma de estar e de agir irremediavelmente contrária à legitimidade de postulados abusivamente funcionais de um estado ditatorial, onde o *superego*, em sentido psicanalítico, tendia a reprimir o *id*, i.e., as pulsões dos actores sociais⁵. A rebeldia de NC⁶, da mulher que vai “ao encontro do que [lhe] horroriza para que o horror não [lhe] governe” ([1978] 2003: 298) revela não só a não-aceitação de um *status-quo* opressivo e conservador, como também o carácter libertário de uma mulher que alimenta a sua singularidade e luta contra o *pathos* da Mulher da sua geração que, quase irremedia-

velmente, tem que se submeter às imposições de uma sociedade patriarcal: “Eu não vou ficar como elas, amarelecida numa fotografia de piquenique, antepassada a mim mesma. Eu não vou ficar estupidamente feliz num retrato de casamento, um único momento de glória, ao lado de um homem que não conheço que nunca conhecerei mas que me vai fazer muitos filhos e mandar-me calar quando eu disser asneiras. Eu vou ter as ancas magnéticas, os seios livres, ofertados, os calcanhares vibráteis como cordas, transmitindo o chamamento da minha sede de ser amada e amar na vertigem de ser amada” ([1968] 2000: 41). Embora NC apele à liberdade, eman-

⁵ Maria Amélia Campos relata em *Biografia sobre Natália Correia* que NC, quando jovem, para além de se recusar de utilizar o caderno diário, foi expulsa do Liceu onde estudava. Tal rebeldia foi descrita por NC da seguinte forma: “Fui terrivelmente rebelde a qualquer disciplina de educação. Daí a minha passagem pelo liceu ter sido de ave migratória. Havia uma situação de disciplina, de imposição e de opressão incompatível com a minha maneira de ser. (...) Descobri mais tarde, particularmente em trabalhos para que se exigiam disciplina e estrutura, que não podia vergar-me a regras que me fossem impostas de fora” (*apud* CAMPOS, 2006: 35-36).

⁶ Ver testemunho de Mário Soares sobre Natália Correia: “Na personalidade de Natália, obra, vida e atitudes cívicas confundem-se nos mesmos traços: originalidade, invulgar desassombro, abertura de espírito, excepcio-

nal fulgor e algum excesso na intenção premeditada de provocação. Essa atitude, que representava uma das facetas dominantes da sua maneira de ser e estar, constituiu ao longo dos anos, um permanente desafio aos costumes tradicionais e aos hipócritas códigos político-morais da Ditadura. Nesse sentido, o seu exemplo foi importante e – atrevo-me a dizer – pedagógico: foi uma outra forma de dizer não” (*apud* VAZ, 2003: 135). Ver também os testemunhos de amigos, políticos, intelectuais, artistas (como por exemplo, Jorge Sampaio, José Medeiros Ferreira, António Almeida dos Santos, David Mourão-Ferreira, Fernando Dacosta, Ângela Almeida, Helena Roseta, Urbano Bettencourt, João de Melo, Luiz Fagundes Duarte, entre outros) nos livros de memória: *Natália Correia: Escritora do Amor e da Liberdade* (2003) e *In Memoriam Natália Correia* (2005).

cipação e equidade da mulher na esfera privada e pública, realça igualmente, e tal como S. de Beauvoir, as características únicas e distintas do género feminino. Enquanto celebra a feminilidade da mulher, objecta as teses das feministas radicais e a imitação fiel do homem: “E agora vos desmascaro, ó grotescas feministas que berrais serem as mulheres oprimidas devido a serem do pobre sexo feminino, ai dele, colonizado pelo feroz Rei Macho. Invertei essa vossa ridícula lamúria e achareis que a mulher é só *sexo feminino* enquanto oprimida pelo homem que oprime enquanto *só sexo masculino*. Tomai um homem genial e vereis que no seu génio, ao qual repugna manifestar a sua superioridade em opressão, se casam o céu (o masculino) e a terra (o feminino)” ([1978] 2003: 109)⁷. Deste modo, a consciência de si mesma como ser humano e mulher

em simultâneo ressoa a firmeza de um eu que se compromete em glorificar a subjectividade e sensibilidade da alma feminina na vida social e política.

Para além de activista dos direitos da Mulher, é também uma intelectual que denuncia a castração das liberdades dos cidadãos não só em tempos de regime ditatorial⁸, como também revela a sua experiência socialmente “claustrofóbica” no pós-25 de Abril (1974), onde a “(...) masturbação revolucionária de impotentes” ([1978] 2003: 78) instigou uma nova “caça às bruxas” em Portugal. No seu diário de acontecimentos políticos, culturais e sociais pós-revolução dos cravos *Não percas a Rosa*, onde encontramos um discurso “[a]paixonado, crítico, irónico, profundamente radicado na realidade histórica e sócio-política do presente (...)” (GOULART, 2010: 65), NC relata, em tom resignado e com

⁷ Compare S. D. Beauvoir em *O Segundo Sexo*, “ (...) a consciência que a mulher adquire de si mesma não é definida, unicamente, pela sexualidade” (Beauvoir, [1949] 2009:99).

⁸ Ver a sátira de NC à ditadura salazarista na peça *O Homúnculo- Trajédia Jocosa*, 1965 e crítica à censura do regime no poema *Queixa das almas censuradas*:

Dão nos um lírio e um canivete
E uma alma para ir à escola
E um letreiro que promete
Raízes, hastes e corola.

[...]

Dão-nos um bolo que é a história
Da nossa história sem enredo
E não nos soa na memória
Outra palavra para o medo.

[...]

Dão-nos a capa do evangelho
E um pacote de tabaco.
Dão-nos um pente e um espelho
Para pentearmos um macaco.

[...]

Com carimbo no passaporte.
Por isso a nossa dimensão
Não é a vida. Nem é a morte.

certa aberração, a metamorfose surrealista do povo português em insectos ([1978] 2003: 79). Segundo a autora, “[é] realmente enfática esta falsidade de transformar os homens para os submeter aos imperativos dogmáticos de revoluções que, sob a fachada de curtidores do progresso, acumulam as fases de um irreparável retrocesso!” ([1978] 2003: 101). Por entre as suas reflexões sociais e angústias existenciais, NC documenta no diário os efeitos perversos da “estreiteza da dogmática proletária” e a forma como os indivíduos, neste caso, os “autómatos (...) são univisuais, o que se lhes imprime a monstruosidade assustadora do ciclope” ([1978] 2003: 47). Observa a instabilidade social e política dos anos 1974-1975 e o atrofio da liberdade inflamado pela nova “vigilância revolucionária” e por “zombies programados”. Mediante este clima de desestabilização política e desilusão pessoal, NC não deixa de manifestar o seu grito de inconformismo e de expor o seu ideal de revolução: “A minha revolução já é de há muito. Antiquíssima. Chama-se o *homem*. Equilibrado na plenitude das suas quatro dimensões: espírito, intelecto, alma,

corpo. Como aceitar estas ignomínias sacrosantificadas por uma doutrina que satisfaz o instinto desfalcando o espírito? Como chamar revolução ao que melhora num sentido para piorar noutra? O homem é todos os sentidos que a ele vão dar e dele irradiam” ([1978] 2003: 78).

Ora, a verdadeira revolução para NC é direccionada ao *homem*, uma revolução capaz, e recorrendo às palavras de E. Morin, de “re-humanizar a vida quotidiana” (1997: 150). Em *Uma Política de Civilização*, E. Morin elabora uma crítica semelhante à de NC, pois ataca o reducionismo da concepção antropológica marxista do ser humano, do *homo faber*⁹ “sem interioridade, sem complexidades; um produtor prometeico, votado a derrubar os deuses e dominar o universo” e sugere que esta seja substituída por uma visão antropológica que reconheça a multidimensionalidade do homem tal “como o viram Montaigne, Pascal, Shakespeare, Dostoiévski”. Pois o “*homo* é *sapiens-demens* – ser complexo, múltiplo, transportando consigo um cosmos de sonhos e de fantasias” (1997: 12). Logo, parece-nos que NC teria concordado com poeta Hölderlin quando este assevera

⁹ Compare a descrição de H. Arendt sobre o mundo do *homo faber*: “No mundo do *homo faber*, onde tudo deve ter o seu uso, isto é, servir como instrumento para a obtenção de outra coisa, o próprio significado não

pode parecer Senão um fim, ‘um fim em si mesmo’ – e isto ou ‘uma tautologia aplicável a todos os fins ou uma proposição contraditória” ([1954] 2001: 194).

que “o homem habita poeticamente a terra”, mas também com a imprescindível relação dialéctica que Morin estabelece entre a prosa (carácter funcional) e a poesia (carácter estético). Na obra *A Madona* e nas palavras do Anjo, NC denota a sua preocupação com o desenvolvimento incontrolável de uma civilização baseada no progresso e na técnica. Uma civilização que, para os mais cépticos, consagra a fase terminal e crepuscular da cultura em nome do progresso, da racionalidade técnico-instrumental, do controlo burocrático-administrativo de uma economia capitalista. Como consequência, NC evoca então o retorno de uma sociedade mais humana e a necessidade de repensar a relação entre o cientista (carácter específico e funcional) e o Sábio (carácter universal e poético): “Nos nossos dias [...] o nome de Sábio já não se adapta ao cientista. Este afastou-se da sabedoria na medida em que desencadeou o incontrolável. Se eles não se renderem à nossa razão teremos de encará-los como inimigos. A ciência contra a sabedoria dos artistas. Eis as duas forças em que se debate o futuro do homem.” ([1968] 2000: 112).

É de salientar que a ideia de “desumanização do *homem*” é um dos temas mais ricos, todavia pouco estudados, em NC. Ora, o alcance da sua reflexão sobre a cultura e sociedade contemporânea nivela-se com as

preocupações de outros grandes pensadores Europeus do século XX. Por exemplo, o número 1 de Dezembro de 1924 de *La Révolution Surrealiste* ilustra, de igual modo, a revolta de NC relativamente ao domínio da racionalidade instrumental na vida do *homem* moderno. Na revista podemos ler que “[é] necessário elaborar uma nova Declaração dos Direitos do Homem. É preciso acabar com este mundo ‘supostamente cartesiano’ e, inegavelmente, mistificador, uma vez que a humanidade do homem está reduzida à razão” (*apud* WINOCK, [1997] 2000: 186). Sessenta e quatro anos depois, Natália Correia sugere – numa intervenção parlamentar aquando a sessão comemorativa do 40.º aniversário da Declaração dos Direitos do Homem – a necessidade de alargar o conceito de Direitos do Homem. Segundo NC, agora no papel de deputada, os “Direitos do Homem [estão] à salvaguarda de valores que estão a ser agredidos pelos mecanismos alienantes das sociedades dominadas pela dinâmica dos ilimites do crescimento em que a ideologia, a informação e a cultura tendem cada vez mais a perder o seu conteúdo para se tornarem quantitativo puro” (CORREIA, 1988: 809-810).

Neste sentido, a deputada/escritora desenvolve uma crítica à *quantité négligeable*, à onipotência da dimensão económica, do domínio da

técnica, do kitsch, de um regime de cultura de massas que tem vindo a estimular a estandardização do ser humano, a perda da iniciativa intelectual e reflexão crítica. Para ela, o avanço das indústrias culturais, onde tudo é cultura, “a destrinça é imperativa [...] urge desagregar o universo cultural de uma confusão aliada das ordenações do reino consumista, que o degrada (...)” (CORREIA, 1991: 3190-3191). Nesta sociedade de consumo, de *Panis et circensis* de contornos pantagruélicos, a cultura perde, em nome das massas e do populismo lúdico, a sua autonomia, a sua aura.¹⁰ Logo, acusa NC que “(...) impor uma cultura castradora das subjectividades, simulado ser ela uma exigência do consumo, quando efectivamente é uma imposição da força dirigente, quando não é feita pelas massas mas para as massas com a capciosa finalidade paralisar a sua autonomia [...] O objectivo é comum: a alienação das massas tão expressamente estupidificadas pela banda desenhada e pela fotonovela como pela literatura demagógica enfeudada ao aparelho que abusivamente age em nome das

massas. [...] não é a cultura aristocrática que realmente agride o espírito colectivista do nosso tempo, pois essa digerem-na alegremente os consumidores que alarvemente entram no jogo ilícito de uma cultura que finge processar-se de baixo para cima, quando o seu movimento é rigorosamente o inverso. Assustadora é-o a cultura aristocratizante, ou seja, aquela que estimula a subjectividade que sonega à tirania massificante a liberdade do indivíduo, que fomenta a iniciativa criadora, que, finalmente cuja fachada colectivista convém sempre decifrar o propósito caviloso de fazer triunfar a incultura” (2004: 241-242). Poderíamos, nesta passagem em particular, insinuar que a crítica feroz à cultura de massas de NC situa-se – mesmo que de forma indirecta e implícita em todas as suas reflexões – na mesma linha desenvolvida tanto por T. W. Adorno e M. Horkheimer, nomeadamente no capítulo “A indústria cultural: O Iluminismo como mistificação das massas” na *Dialéctica do Iluminismo* (1947)¹¹, tal como por H. Arendt, no capítulo sobre “Crise da Cultura”.

¹⁰ Compare com a crítica de J. Barrento sobre o domínio da cultura de massas em *O mundo está cheio de deuses*: “(...) é acrítica, narcísica, ligeira ou populista, privada de força matricial” (2011: 32)

¹¹ “Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a

ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade é de que

Podemos, então, identificar na crítica cultural de NC semelhanças tanto na terminologia, como na análise social destes outros pensadores.

Deste modo, Natália Correia, como um dos mais proeminentes bastiões da cultura em Portugal na segunda metade do século XX alerta – a partir de várias intervenções na arena

política – para as sequelas negativas da ditadura do quantitativo, da sociedade de massas, do entretenimento, da ilusória *happy consciousness* (H. Marcuse) que transforma os cidadãos em meros consumidores e os aliena dos problemas sociais e políticos, mas transforma igualmente os políticos e a própria política em mais um produto de *marketing* e consumo:

A POLÍTICA DO DIA

Hoje a vida tem o sorriso
dentrífico dos candidatos
e pelas ruas nos aponta
o céu em múltiplos retratos

céu não póstumo ou merecido
em cruel sala de espera
mas entre parêntesis de fogo
festiva véspera de guerra

Teor de montras a vida
com democrático amor

a todos deixa gozar
sua dose de consumidor

Publicitária a vida faz
sua campanha eleitoral:
É entrar meus senhores, quem dá mais
por princípios que não têm final?

Televisor férias de verão
tira a vida do seu discurso
e um partido providencial
que nos domestica o urso.

não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositadamente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus directores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos” (*Dialéctica do Iluminismo*, [1947] 1985: 114). Compare também com o seguinte excerto de Adorno em *Mínima Moralía* (1951): “Falar sempre, pensar nunca. – Desde que, com a ajuda do cinema, das soap operas e do horney, a psicologia profunda

penetra nos últimos rincões, a cultura organizada corta os homens o acesso à derradeira possibilidade da experiência de si mesmo. O esclarecimento já pronto transforma não só a reflexão espontânea, mas o discernimento analítico, cuja força é igual à energia e ao sofrimento com que eles obtêm, em produtos de massas, e os dolorosos segredos da história individual, que o método ortodoxo se inclina já a reduzir a fórmulas, em vulgares convenções. Até a própria dissolução das racionalizações se torna-se racionalização” (1951: 55-56).

Popular a vida é toda
pétalas de apertos de mão.
Que meus versos me salvem
de cair nesse alçapão!

(*A Mosca Iluminada*, 1972)

Naturalmente, a cultura de massas e o triunfo de uma política espectáculo tendem a esvaziar os cidadãos de pensamento crítico e reflexivo. Comprometendo, conseqüentemente, as formas de expressão do “Mundo da Vida” (*Lebenswelt*), o bom funcionamento de uma esfera pública livre, racional, crítica e pluralista¹² e a legitimidade do campo político, tanto que “(...) uma cultura de massas é o contrário da democracia, visto que recusa um lugar à diferença. E é nesta e no jorro da espontaneidade criadora que a democracia pode reencontrar as pistas da sua integridade abalada pelo quantitativo e pelo arsenal manipulatório das civilizações industriais” (CORREIA, 1988: 809-810).

A luta por uma democracia livre e pluralista, por uma cultura liberta das fórmulas utilitaristas e da epidemia do rebanho passivo e imponentemente os delírios propagados pela cultura de massas,¹³ tornou-se para NC uma importante luta contra as imposições sistémicas do modelo liberal-produtivista nas esferas subjectivas do “mundo da vida”. Neste sentido, podemos considerar que NC desempenhou (mesmo que negasse tal rótulo) o papel de uma intelectual comprometida com a “humanização da sociedade” e com a autonomia estética da arte. Tanto que NC realçava o papel da literatura e ficção [c]omo instrumento de insubordinação face à despersonalização do homem planeado da idade tecnológica”, pois “a literatura de ficção só poderá consumir-se eficazmente numa contra-acção imaginativa que reserve a subjectividades das materialidades que domesticam a autonomia

¹² Ver J. Habermas, *Theorie der kommunikativen Handlung Bd. II: Zur Kritik der funktionalistischen Vernunft*, 1981.

¹³ Compare a noção de rebanho com F. Nietzsche, *Assim falava Zaratustra* e com a peça *O Rinoceronte* de Eugène Ionesco [que chegou a privar com NC aquando a sua visita a Portugal]. Esta peça de Ionesco apresenta a metamorfose de uma população em rinocerontes, onde todos acabam por ceder à epidemia da “rinocerite”. Ionesco utiliza a metáfora e simbolismo como forma de cri-

ticar todas as modalidades de totalitarismo, ou seja, todas as formas de “massificação” dos indivíduos. Em *O Rinoceronte* denuncia nesta obra o sentimento de exclusão daqueles que não se rendem à “barbárie”, que não seguem as massas (neste caso – e de uma forma simbólica – a manada de rinocerontes) e tentam manter a sua originalidade: “Não quero nem olhar para a minha cara. Tenho vergonha! (...) Como eu sou feio! Infeliz daquele que quer conservar a sua originalidade!” (IONESCO, 1962: 176).

do eu” (2004: 111). Face ao espírito da época (“de impessoalismo”), acentuava a pertinência social do papel do escritor “(...) o homem que põe ideias a circular vale por aquilo que dá de comer aos outros. O seu ofício é sustentar. Sustento de crença contra a renúncia de liberdade contra a alienação, de amor contra o ódio” (2004: 44). Noutras palavras, NC mantém esperança no homem das letras que poderá sempre influir na criação de uma outra humanidade, numa humanidade que honre a dignidade humana. Apesar dos inomináveis horrores que assolaram o mundo no século XX, NC na sua viagem aos EUA, deixa uma centelha de esperança aos que buscam um mundo mais humano, porque “[a] presença do mal deu-nos o instrumento para o superarmos: a esperança. Sendo a vida a acção da vontade humana, podemos tornar o mundo melhor, ‘se quisermos’” (2002: 195).

Pese embora o facto de Natália Correia não se identificar como uma intelectual e até acentuar – o que T. W. Adorno já havia apontado e atacado em *Minima Moralia* (1951) – a ascensão de (pseudo)intelectuais que

seguem clichés¹⁴. NC tal como Adorno, não deixa de ser uma intelectual que critica os “outros” intelectuais, que, utilizando as suas palavras, são “(...) indivíduos estúpidos, com o talento de serem inteligentes” (1993: 29). Não obstante, o seu contributo social, político e cultural aliado à sua faculdade crítica e subtileza satírica coloca-a nesta categoria de um ser pensante com influência no espaço público.

A discussão sobre o “lugar ou não lugar do ‘intelectual’ no mundo contemporâneo” (BARRENTO, 2011: 56) faz parte de uma reflexão empreendida por vários teóricos e sociólogos da modernidade tardia (“pósmodernidade” para alguns). A já vasta bibliografia [A. Gramsci, J. Benda, C. Wright Mills, E. Shills, A. Gramsci, P. Bourdieu, Z. Bauman, U. Eco, E. Said, M. Winock, N. Chomsky, P. Johnson, A. Gouldner, B. Misztal, entre outros] sobre as representações (positivas, mas também negativas) do intelectual desde o *Affaire Dreyfus* (finais século XIX), ilustra as visões díspares sobre o papel do intelectual no século XX e XXI. Todavia, 1) a invocação do fim das metanarrativas

¹⁴ Compare com a descrição de T. W. Adorno em *Minima Moralia*: “Também os intelectuais que têm preparado politicamente todos os argumentos contra a ideologia burguesa ficam sujeitos a um processo de padroniza-

ção [...] Enquanto bradam contra o *kitsch* oficial, a sua disposição anímica submetem-se como uma criança obediente ao regime previamente buscado, aos clichés dos inimigos dos clichés [...]” (1951: 213-215).

(J-F. Lyotard)¹⁵, das totalizações e sistematizações e consequente pulverização ideológica; 2) a substituição do universalismo pela pluralidade de “jogos linguagem” (L. Wittgenstein); 3) a preponderância da imagem (J. Baudrillard) sobre o *logos* e 4) o sentido de incerteza, descontinuidade e dispersão são marcas de uma conversão de paradigma. Um novo paradigma (A. Touraine), que para Z. Bauman veio modificar o próprio conceito de “intelectual”. Enquanto que desde finais do século XIX até meados do século XX a voz do intelectual era autoritária (ex. Intelectuais “legisladores”: E. Zola e J.-P. Sartre), agora, e considerando o pluralismo de experiências, repertórios, *Weltanschauungen* e valores que florescem no espaço público, o intelectual transforma-se num “intérprete”. De acordo com Z. Bauman, e face ao já referido esgotamento dos modelos existentes, a sociedade pluralizou-se. Daí, “[o] que resta para os intelectuais é inter-

pretar tais significados em benefício daqueles que não são da comunidade que está por trás dos significados; mediar a comunicação entre ‘províncias finitas’ ou ‘comunidades de significado’. Não é uma tarefa humilde, com certeza, tendo em vista a incurável cisão do mundo numa plethora de tradições ou ‘fábricas de significado’ pena ou parcialmente autónomas, fortificadas do ponto de vista institucional; e dada a inegável necessidade de comunicação e entendimento recíprocos entre elas” ([1987] 2010: 267)¹⁶. Como consequência desta dispersão social e cultural, o intelectual torna-se o mediador, o facilitador de comunicação no espaço público.

Porém, a representação de intelectual proposta por Z. Bauman não é abraçada por outros autores, nomeadamente por E. Said que – com fôlego humanista – acredita que o intelectual, independentemente da fragmentação e do estado de entropia que as

¹⁵ Compare o fim dos “grandes contos”, das grandes ideologias com a seguinte afirmação de NC: “(...) A grande Recusa das fórmulas filosóficas, políticas, culturais, em suma, que, transbordadas da Antiguidade, de que são já degenerescência, prevalecem como imperativos categóricos mesmo na Revolução Francesa e na Revolução Bolchevista de 1917. Quando a luventus de 68 da como extinta a validade impactual destas revoluções, que no fundo são uma só

em duas fases epocais, quer apenas dizer que elas não passavam de ilusões e como tal se dissiparam” ([1978] 2003: 379).

¹⁶ Compare com J. Barrento: O intelectual da contemporaneidade já não é “a figura singularizada do pensador crítico do sistema ou a consciência moral da nação: por isso assumiu vários outros nomes, pluralizou-se (...) entrou num processo de deslocamento (...)” (2011: 58).

sociedades contemporâneas experimentam, o intelectual deve “falar a verdade ao poder”. Em *As Representações do Intelectual* ([1993] 2000: 35), E. Said, reconhece que “[n]o fundo, o intelectual, [...] não é nem um apaziguador nem um fazedor de consensos, mas alguém que investe todo o seu ser no sentido crítico, na indisponibilidade para aceitar fórmulas fáceis, sempre-tão-conciliadoras, sobre o que os homens poderosos ou convencionais têm a dizer, e sobre o que fazem”. Noutras palavras, acredita que estes permanecem um contra-poder crítico capaz de reagir contra os processos de desumanização.

Face à permanente discussão em torno, por um lado, da extinção do intelectual (S. Fuller, 2004), da traição (J. Benda, 1927; Chomsky, 1969; Jacoby, 1987 e Grass, 2000), da intervenção social ou até mesmo da mutação do papel do intelectual na sociedade contemporânea (Z. Bauman, 1987), torna-se interessante enquadrar neste debate a complexidade do percurso de NC. Podemos, assim, considerar que a sua genialidade, coragem e criatividade foram qualidades que a destacaram no campo público e político. Enquanto canta a queda das grandes ideologias e enaltece a subjectividade da vida, da sociedade: “Des-historicizemos!, clamam as Ménadas desse Maio coribântico. Pelo absoluto, contra a doen-

ça senil da burguesia liberal e comunista! Só os nossos desejos são reais, Campeões do Impossível. Subjectivemos a Vida” ([1978] 2003: 380), não se deixa encapsular no papel de mera “intérprete” do espaço social proposto por Z. Bauman. Incorpora sim, e quase sempre a partir da óptica do campo cultural, o papel de uma “democracy helper” (B. Misztal, 2007: 1).

Talentosa e perspicaz, marginalizada no fim da vida, age sempre de modo reflexivo e autónomo. Ora, é através da sua obra escrita e das suas intervenções públicas que NC assinala uma luta incessante e indignada contra as miopias ideológicas, contra os avatares reducionistas e contra os valores reaccionários de uma sociedade com características paroquiais. Desde os amplos salões da sua casa onde a peça de J.-P. Sartre *Huis-Clos* era representada clandestinamente a um grupo restrito de amigos, passando pela sua prestigiosa e exuberante presença na Assembleia da República e terminando no Botequim, onde inaugura “um dos centros do debate político em defesa da democracia pluralista” (CAMPOS, 2006: 99), NC sempre se empenhou “(...) na denúncia das injustiças, na defesa da cultura, da liberdade, dos direitos humanos, do património, da natureza (...) sendo implacável com os costumes atávicos e a moral hipócrita, reagindo através

da poesia, do seu activismo social ou mediante a sua participação na vida política” (2008: 30).

Em suma, e retomando as palavras de Natália Correia “(...) [a] vida é a arte de estar de acordo com o que se faz. E o que o homem faz é a sua máscara personagem que ele vive *de facto* e que deixa o seu cunho numa história circunscrita ao bairro, à cidade ou ao mundo” (2004: 242). Em seguimento desta passagem, podemos então

concluir que o *Daimon* enigmático de NC, que detinha a arte de projectar, representar e jogar com múltiplos papéis tanto na dimensão ética, como na dimensão estética – deixou um cunho muito singular no imaginário da cultura portuguesa. No entanto, não podemos deixar de realçar que há ainda muito por descobrir e por compreender nesta “Feiticeira Cotovia”, nesta Senhora dos Açores.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T. W. (1951), *Minima Moralia*, Lisboa, Edições 70.
- ADORNO, T. W. & Horkheimer, M. ([1947] 1985), *Dialética do Esclarecimento*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- ALMEIDA, A. & Costa, F. R. (coord.) (2005). *In Memoriam Natália Correia*, Ponta Delgada, Fórum Culturas.
- ARENDT, H. ([1958] 2001), *A Condição Humana*, Lisboa, Relógio D'Água.
- BARRENTO, J. (2011), *O Mundo Está Cheio de Deuses: Crise e Crítica do Contemporâneo*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- BAUMAN, Z. ([1987] 2010): *Legisladores e Intérpretes: Sobre a Modernidade, Pós-modernidade e Intelectuais*, Rio de Janeiro, Zahar.
- BEAUVOIR, S. ([1949] 2009), *O Segundo Sexo*, Lisboa: Quetzal.
- CAMPOS, M. A. (2006), *Senhora da Rosa: Biografia de Natália Correia*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira.
- CORREIA, N. (1965), *O Homúnculo*. Tragédia Jocosa, Lisboa, Contraponto.
- ([1968] 2000), *A Madona*, Lisboa, Editorial Notícias.
- ([1978] 2003), *Não Percas a Rosa*, Lisboa, Notícias.
- (1988), *Diário da Assembleia da República*, I Série, n.º 22 (23 de Dezembro de 1988: 809-810).
- (1991), *Diário da Assembleia da República*, I Série, n.º 94 (19 de Junho de 1991: 3190-3191).
- (1993), *Revista Ler*, n.º 23, Verão 1993: 29.
- (ed. 2002), *Descobri que Era Europeia*, Lisboa, Editorial Notícias.
- (ed. 2004), *A Estrela de Cada Um*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira.
- DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PORTUGUESES E ESTUDOS ROMÂNTICOS. Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2003), *Natália Correia: Dez Anos Depois*, Porto.

- GOFFMAN, E. (ed. 2002), *A representação do eu na vida quotidiana*, Petrópolis, Editora Vozes.
- GOULART, R. M. (2010). “Natália Correia: da paixão poética à paixão crítica”, in *Natália Correia: A Festa da Escrita*, Lisboa, Edições Colibri.
- HABERMAS, J. (1981), *Theorie des kommunikativen Handelns Bd. II: Zur Kritik der funktionalistischen Vernunft*, Frankfurt am Main.
- IONESCO, E. (1962), *O Rinoceronte*, Rio de Janeiro, AGIR.
- JOHNSON, P. ([1988] 2008), *Intelectuais*, Lisboa, Guerra e Paz.
- MARQUES, P. (2008), *Natália Correia: O’ Subalimentados do Sonho! A Poesia é para Comer!*, Lisboa, Parceria M. M. Pereira.
- MEAD, G. H. (ed. 1969), *Sozialpsychologie*, Neuwied am Rhein und Berlin.
- MISZTAL, B. A. (2007), *Intellectuals and the Public Good: Creativity and Civil Courage*, Cambridge, Cambridge UP.
- MORIN, E. & Nair, S. (1997), *Uma Política de Civilização*, Lisboa, Instituto Piaget.
- NOVALIS (ed. 1968), *Schriften Bd. III: Das philosophische Werk II*, Richard Samuel (ed.), Darmstadt.
- SAID, E. ([1993] 2000), *As Representações do Intelectual: As Palestras de Reith de 1993*, Lisboa, Colibri.
- VASGAS, A.; Oliveira, S. & Barrento, M. (2003), *Natália Correia Exposição*, Lisboa: Divisão de Edições da Assembleia da República.
- VAZ, A. (2003), *Natália Correia: Escritora do Amor e da Liberdade*, Ponta Delgada.
- WINOCK, M. ([1997] 2000), *O Século dos Intelectuais*, Lisboa, Terramar.